

E POR FALAR EM EDUCAÇÃO...

*Luiz Caetano Grecco Teixeira, a /OHC *
Araranguá, SC*

INTRODUÇÃO

- Este texto não tem pretensões acadêmicas. Na verdade, ele é fruto de uma reflexão realizada no decorrer deste ano, após ter me afastado do magistério superior regular, para dedicar-me ao ministério sacerdotal numa paróquia, de cidade pequena, no litoral sul de Santa Catarina. O fato de estar afastado do ambiente “acadêmico” fez com que a reflexão corresse livre dos jargões metodológicos e o senso de observação ficava cada vez mais agudo à medida em que crescia o contato com o povo simples, de zona rural, plantador de fumo e arroz, pescadores e pequenos comerciantes. Mas foi principalmente através do contato com as crianças que se reuniam para o “catecismo”, que a reflexão tomou o rumo que desembocou neste pequeno ensaio, cuja única finalidade é compartilhar estes meses de meditação com os companheiros que ficaram no magistério superior, e os ex-alunos, muitos hoje na carreira.
- Portanto, este texto não é um “artigo científico”, nem pretendo aqui discutir exaustivamente as idéias ou demonstrar alguma tese. Não haverá “referências bibliográficas”, nem citações de autoridades... Não pretendo sequer validar as idéias! Apenas vou “soltá-las”, deixá-las fluir livremente... quem sabe, alguém poderá tomar o fio da meada e desenvolver estas idéias dentro de um padrão mais adequado? É nessa esperança que remeto o texto aos companheiros da “Terra e Cultura - Cadernos de Ensino e Pesquisa”, publicação que ajudei a **re-nascer** quando era professor no CESULON.
- Durante quase dez anos de atuação no magistério de 1º, 2º e 3º graus, sempre me preoquei com a formação dos professores. Muito trabalhei nisso, e acho que, junto com alguns colegas tão idealistas e sonhadores como eu, conseguimos dar alguns pequenos passos, seja no curso de Licenciatura em Ciências, seja no Projeto Londrina e mesmo com as atividades de nossos alunos “monitores” no embrião do Clubinho de Ciências do CESULON. A exemplo da maioria da comunidade do magistério superior, era nossa preocupação melhorar o padrão da educação brasileira, melhorar o nível do ensino, a formação das novas gerações na direção de um futuro de liberdade criativa, social, econômica e tecnológica para o nosso tão sofrido país.

* Ex - professor, ex - coordenador do Curso de Licenciatura em Ciências e do Projeto Londrina no Cesulon. Atualmente é sacerdote Anglicano no extremo sul de Santa Catarina.

- A realidade educacional no extremo sul catarinense não é diferente do resto do Brasil. As mesmas dificuldades, os mesmos e eternos problemas, tudo isso pude observar aqui, na conversa com pais, alunos e professores. Portanto, embora esta reflexão seja decorrente destas observações aqui realizadas, cotejadas com a experiência acumulada nos últimos dez anos de atividades no magistério, acho que posso me atrever a considerar válidas as generalizações que faço a seguir... que me perdoem os puristas metodológicos...

CRISE NA EDUCAÇÃO???

- Cansei de ouvir estas palavrinhas mágicas em centenas de reuniões, simpósios, congressos... cansei de lê-las em artigos, ensaios, teses, livros, folhetos, panfletos... “A Educação Brasileira está em crise”...
- Há alguns anos, falando a estudantes de Matemática em Arapongas, ousei dizer que não há nenhuma crise na educação brasileira, que não há nenhuma falta de planejamento na educação superior do Brasil. Disse e ainda digo. Não há crise na educação brasileira, nem houve nestes últimos vinte anos! A educação no Brasil é o que é porque foi planejada para ser o que é! Quem não se lembra do famigerado “acordo MEC - USAID” do final dos anos 60, que provocou tanto protesto dos estudantes e levou muitos deles às prisões políticas? Pois é, deu no que deu...
- Em 1969 terminei o 3º Científico e fui cursar Filosofia na USP e Teologia no Seminário Anglicano. Em 1974, decidi fazer o curso de Matemática pois a carreira de professor me parecia compatível com a vocação religiosa, e a Matemática era uma velha paixão herdada do meu avô materno. Decidi não requerer dispensa de nenhuma disciplina e comecei o curso. Uma grande surpresa: a maioria dos conteúdos me era conhecida! De início, por ser o primeiro Ano (semestre!) pensei tratar-se de uma revisão para nivelamento da turma, mas as dificuldades dos jovens colegas fizeram-me suspeitar - o que depois conferi com os professores - tratar-se de conteúdos novos para a maioria dos jovens universitários. “Houve uma mudança grande no segundo grau”, me explicaram os mestres, “agora não há mais Científico e Clássico, há o Colegial profissionalizante, e os conteúdos mudaram muito...” Até o ano passado eu me sentia frustrado em ensinar aos meus alunos no 1º e 2º anos da Faculdade conteúdos da Matemática e da Física que eu havia estudado no 2º e 3º anos do velho Científico... Acordo MEC - USAID! Pois é...

O SABER DAS CRIANÇAS

- Pretendendo modificar radicalmente os "métodos de catequese" das crianças de minhas três paróquias (estão situadas num raio de 70 km da sede Paroquial) vi-me forçado a assistir alguns programas "infantis" na TV. Foi assim que consegui penetrar no seu universo, e descobrir que as crianças têm um saber próprio, quase todo induzido pela TV, através da extensa e enlatada programação "infantil". Quem quiser trabalhar na educação das crianças deve fazer o mesmo e vai descobrir a origem da maioria das brincadeiras, do vocabulário que elas usam, e vai compreender a ideologia que já está sendo **instalada** cuidadosamente em seus cérebros infantis...
- Sem que eu tomasse alguns cuidados metodológicos para validar a afirmação seguinte, acabei por descobrir que quase todo o saber das crianças, suas operações mentais, suas reflexões sobre a realidade presente (elas fazem sim, basta prestar atenção nelas!), enfim, suas ações concretas sobre a natureza, em sua maioria não eram decorrentes da escola ou do ensino regular. Exceto a pouca capacidade de "ler" (dizer sílabas), e um pouco de "continhas", todo o resto do saber concreto da criança não demonstra a ação escolar! Seria importante alguém pesquisar sobre isso, com os cuidados metodológicos necessários... talvez eu esteja completamente enganado, mas tenho quase certeza de que vai concluir o mesmo! Muitas das crianças me disseram que não vêem utilidade na escola, opinião compartilhada por muitos pais que tiram seus filhos da escola para aprenderem as técnicas familiares de agricultura, pesca e comércio. O ensino "profissionalizante" doméstico e a TV constituem o elenco de conteúdos que forma o saber das crianças, apesar de diferirem enormemente, criando uma dicotomia impressionante nas pequenas cabecinhas... De um lado o ensino do pai e da mãe, acumulado por gerações que repetem ano após ano as mesmas técnicas, vez ou outra um pouco modificadas pelos programas governamentais de extensão rural; de outro lado, a incrível e fantástica tecnologia dos super-heróis a serviço do governo norte-americano, em defesa da "ordem" e do "bem" (padrão USA) contra as "forças do mal" comandadas, geralmente, por "cientistas loucos que querem dominar o mundo" (e que geralmente são estereótipos de conhecida nação da Eurásia!).
- Ao mesmo tempo em que aprendem a usar a enxada, a abrir um "valão de 'rigação (sic)" para a cultura do arroz e a conhecer as correntes marítimas, as crianças falam em computador, robô, raio laser, viagem intergaláctica através do "paço-tempo" (sic)... Para a maioria delas, estas coisas existem mas não estão disponíveis.

Uma menina, certa tarde em que conversávamos sobre a Lua (imaginem as minhas "aulas de catecismo" como são... o Bispo ainda me esganal!), perguntou-me se quando os astronautas estiveram lá foram aprender os

segredos do Super-Homem... e me contou que a sua professora (da 4ª série!) havia dito que não só existem os segredos do super-homem (como minúscula mesmo, pois não merece maiúscula) como também existem na lua os extraterrestres que dirigem os discos-voadores! Quer dizer: a escola não só está perdendo para a TV como passa a ser influenciada por ela...

A professora dessa menina confessou-me que não sabia o que fazer para responder às perguntas das crianças a respeito do espaço, e sua única idéia foi confirmar as besteiras dos desenhos animados... pobre professora! perdeu uma excelente oportunidade de ensinar Ciências e desmistificar o lixo americano que polui as mentes através da TV... A coisa ficou tão séria que eu acabei conseguindo um projetor de "slides" e projetei algumas fotos que o pessoal do Apollo XII fez na Lua. As crianças ficaram frustradas porque não viram a "casa do super-homem"... mas acabaram se convencendo que a Lua é, apenas, o satélite natural da Terra e um mundo sem cor e só de poeira e pedra... E eu me senti como um vilão que contou a verdade sobre Papai Noel...

Na semana passada, a mesma menina me disse que ela sabe que o desenho é coisa "de mentirinha"... bem pelo menos as coisas foram colocadas nos devidos lugares em sua cabeça! mas ficou uma dúvida: "se o super-homem não existe, quem protege a gente contra os cientistas do mal?". Alguém pode responder a ela? pobre Brasil...

– Para encurtar a conversa, quero listar os conteúdos que as crianças aprendem nos desenhos animados enlatados que os americanos e outras potências despejam em nossa TV. Essa lista foi elaborada pelas próprias crianças, depois de um longo trabalho em que procurei fazer com que elas questionassem o "conteúdo, a mensagem" dos desenhos:

- (1) todo cientista ou é maluco ou é americano!
- (2) a violência é válida para defender o bem (ninguém conseguiu definir o que é o bem!) contra o mal, (nem que é o mal!);
- (3) a ciência é uma coisa que se faz só com muito dinheiro, por isso a gente não pode fazer ciência;
- (4) os americanos estão muito avançados na ciência;
- (5) o Brasil não é avançado na Ciência porque é pobre e preguiçoso;
- (6) os super-heróis estão a serviço do bem, por isso a polícia gosta deles;
- (7) malvados a gente mata (malvados são os pretos, os ladrões, os "comunistas"(sic) e isso é muito certo);
- (8) um laboratório é um lugar cheio de vidro e aparelhos complicados que soltam muita fumaça; e por aí vai! a lista é grande e as crianças conseguiram captar coisas que eu nem sequer havia suspeitado.

– O que podemos fazer para mudar este triste quadro? Creio que o diagnóstico precisa melhorar através de uma pesquisa séria e profunda sobre a influência da TV na formação ideológica das crianças, não no seu aspecto teórico, mas na tentativa de se descobrir concretamente que tipo de coisa as crianças pensam por influência da TV.

- A coisa vai mais além, não fica só nas crianças. Há uma imagem estereotipada que a TV passa sobre os cientistas e que deve merecer o protesto de todas as Sociedades de Ciência do país. Basta, por exemplo, ver os tipos que o "Fantástico" entrevista a cada domingo (já repararam que todas as semanas há um quadro "científico" no Fantástico? e reparem só na entonação de voz do locutor que narra o quadro...).
- Há, na minha modesta opinião, uma verdadeira conspiração nos meios de comunicação de massa, principalmente na TV contra a divulgação democrática do conhecimento científico. Mistificações que tornam a Ciência algo cada vez mais distante, cada vez mais parecida com "coisa de maluco", de difícil acesso aos cidadãos comuns. A quem isso interessa?
- Interessa a todos aqueles que desejam um povo ignorante, passivo e subserviente; a todos que desejam ver o Brasil como mero consumidor de tecnologia estrangeira. Algo muito parecido com o "acordo MEC-USAID".

CONCLUSÃO

- Trata-se de um problema político! não bastarão as tentativas de melhoria "tecnológica" do ensino. São necessárias mudanças radicais no pensar brasileiro, no pensar a escola, no pensar o professor... eu não sei bem por onde começar, mas arrisco dizer que um grande exame de consciência deve ser feito pela categoria dos professores, dos estudantes, dos pais, dos políticos... que tipo de sociedade queremos para as novas gerações? Que tipo de sociedade estamos ensinando a elas?
- Afinal, para que serve a escola? Para que servem (ou a quem servem?) os professores? **Educação** ou **educar a ação**?
- Há alguns dias, um garotinho com dez anos de idade, numa das aulas de "catecismo" me disse com um brilho nos olhos: "Caetano! quando eu crescer quero ser cientista. Será que tem uma escola disso no Brasil? Eu quero estudar a natureza e ajudar a curar o câncer! Afinal, tudo que Deus fez é bom, por isso acho que vou conseguir descobrir a cura do câncer na natureza que Deus fez. Onde fica a escola dos cientistas?" Fica aí a pergunta do Guerto, um menininho catarinense, que vive no "costão" da Serra do Mar. Alguém pode mandar o endereço para ele?

Observação: Continuo com meus encontros de catecismo com as crianças, enquanto esperamos a resposta à pergunta do Guerto. As crianças já sabem rezar e estão descobrindo (e eu com elas) a maravilha que é o ser humano quando se rende ao apelo do amor e da paz. Todas as vezes que nos encontramos, rezamos pelos professores, que estão construindo a escola da liberdade de onde sairão os construtores da paz e da justiça...

Tomara que você seja um deles! Amém!

NOTA:- *Palestra proferida no I Encontro sobre o Ensino de Ciências realizado em 22 de novembro de 1986, no Cesulon.*